



Quando o Dízimo é Crime Maior que o Genocídio: os Scripts Religiosos Escritos e Descritos pela Mídia Brasileira¹

Camilla Veras, Dayanne Sousa, Gustavo Paiva, Luigi Parrini e Rafael Kato²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo traz resultados e conclusões parciais da pesquisa em iniciação científica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) *Religião e Mídia: os vieses da cobertura jornalística brasileira*, iniciada no segundo semestre de 2007 e orientada pela Prof^a. Dr^a. Marília Pacheco Fiorillo. O objetivo do trabalho é realizar um levantamento minucioso da cobertura de temas religiosos em quatro veículos da imprensa nacional: os jornais O Globo, O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo e a revista Veja. O referencial teórico deste artigo está calcado em Max Weber, especialmente os trabalhos em sociologia da religião; Teun van Dijk, com a ferramenta da análise do discurso nas notícias e mídia em geral; e George Kennedy, com pesquisas em retórica religiosa.

Palavras-chave

Imprensa; religião; análise do discurso

Corpo do trabalho

Introdução

Este artigo é parte de um paper que traz resultados e conclusões parciais da pesquisa em iniciação científica *Religião e Mídia: os vieses da cobertura jornalística brasileira*, iniciada no segundo semestre de 2007. O objetivo do trabalho é realizar um levantamento minucioso da cobertura jornalística de temas religiosos em quatro veículos: os jornais *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de S. Paulo* e a revista *Veja*. Trazemos aqui em destaque análise do jornal *O Globo*, seguida de um resumo das conclusões sobre outros veículos³.

Desde o início desta pesquisa, é realizada uma tabulação quantitativa das reportagens, artigos e notícias sobre todas as confissões religiosas. No entanto, os objetos de estudo foram apenas as religiões abraâmicas, a saber: judaísmo, islamismo e

¹ Trabalho apresentado na Sessão Mediações e Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduandos em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e pesquisadores do projeto em iniciação científica *Religião e Mídia: os vieses da cobertura jornalística brasileira*.

³ A íntegra pode ser encontrada na Revista Anagrama n^o. 4 (www.usp.br/anagrama)

cristianismo – tanto catolicismo como protestantismo.

O motivo da escolha é que tais religiões são as mais representativas no cenário nacional e na geopolítica internacional.⁴ (*figura 1*)

Ranking das Religiões

| | TOTAL | HOMENS | | MULHERES | |
|---|---------|---------|--------------------|----------|--------------------|
| | % | % | POSIÇÃO NO RANKING | % | POSIÇÃO NO RANKING |
| POPULAÇÃO TOTAL | | | | | |
| 1 Católica Apostólica Romana | 73,6430 | 74,3260 | 1 | 72,9820 | 1 |
| 2 Igreja Evangélica Assembléia de Deus | 4,8099 | 4,4922 | 2 | 5,1172 | 2 |
| 3 Igreja Evangélica Batista | 1,8166 | 1,5848 | 4 | 2,0408 | 3 |
| 4 Igreja Congregacional Cristã do Brasil | 1,8071 | 1,8210 | 3 | 1,7936 | 4 |
| 5 Igreja Universal do Reino de Deus | 1,5024 | 1,2187 | 7 | 1,7769 | 5 |
| 6 Igrejas Luteranas | 1,4534 | 1,4189 | 5 | 1,4868 | 7 |
| 7 Espírita, Kardecista | 1,4407 | 1,2562 | 6 | 1,6192 | 6 |
| 8 Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais | 1,0421 | 0,9750 | 8 | 1,1070 | 8 |
| 9 Igreja Evangelho Quadrangular | 0,8587 | 0,7485 | 9 | 0,9654 | 9 |
| 10 Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia | 0,7299 | 0,6925 | 10 | 0,7661 | 10 |

FIGURA 1

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2003 / IBGE

A escrita do presente trabalho se deu de maneira coletiva, com o princípio de preservar a multiplicidade das vozes dos pesquisadores participantes e também como forma de tornar a leitura mais fluente e menos monótona. O leitor perceberá que a unidade conceitual e textual entre as seções é garantida por meio de um cabedal teórico comum. E é nessas definições teóricas comuns que centraremos nossas atenções.

Definições teóricas

O referencial teórico deste artigo está calcado em três autores. São utilizados textos de Max Weber, especialmente os trabalhos em sociologia da religião; Teun van Dijk, com a ferramenta da análise do discurso nas notícias e mídia em geral; e, por fim, George Kennedy, com pesquisas em retórica religiosa.

É claro que são utilizados, também, outros autores e pesquisadores na bibliografia, mas estes são secundários em relação ao tripé anteriormente citado. Desses três autores fundamentais, acreditamos que é necessário esclarecer previamente os conceitos de van

⁴ Embora o Judaísmo seja, numericamente, inexpressivo no Brasil, ele está no centro de um dos principais conflitos modernos, o da Palestina. Soma-se a isso o Judaísmo ter se configurado como primeira religião monoteísta do mundo, ecoando, dessa forma, seus rituais e crenças para as outras religiões, mais especificamente os escritos da Bíblia Hebraica, chamada pelos cristãos de Antigo Testamento.



Dijk, pois constituem o instrumental básico que sustenta as outras relações teóricas.

O GLOBO

O Eu e o(s) outro(s)

Camilla Veras

As religiões abraâmicas comumente dão o ar da graça nas páginas d'*O Globo*. De maneira geral, elas concentram-se nas seções "Mundo", "Rio" e "O País" - mas isso não quer dizer que não possam ser vistas numa pauta de economia, por exemplo. Nesse jornal, a proposta da presente pesquisa de investigar como são abordadas as diferentes crenças rende frutos, principalmente porque a diferença de tratamento entre catolicismo, protestantismo e islamismo é clara e segue uma certa tendência.

Em nome do pai, do filho e do espírito santo

A análise de caso do catolicismo tem como pano de fundo nosso próprio passado religioso: ainda que partidários de um "catolicismo preguiçoso" (contrastado àquele, mais observante e devoto, praticado na Polônia e nas Filipinas, por exemplo), somos majoritariamente católicos⁵. Mesmo que os jornalistas não sintam o peso da cultura dessa religião em sua formação e visão de mundo, ela se impõe inadvertidamente, muitas vezes, em algumas sutilezas da edição, pauta ou reportagens – seja demonstrando simpatia à religião como um todo, seja defendendo um cânone específico.

Um aspecto a ser ressaltado na cobertura é o uso da *estratégia da irrelevância* (van Dijk, 1990), em que peculiaridades à priori desimportantes para o entendimento do tema da reportagem se unem em uma espécie de moldura do fato retratado, podendo configurar-se como um elemento decisório para que o leitor construa uma imagem positiva ou negativa do que é exposto. A defesa do cânone, por sua vez, apresenta-se, muitas vezes, através da hierarquização das pautas, dentro do processo de construção da coerência local dos textos (ibidem). Entendendo-se por "cânone" o corpo doutrinário e as manifestações oficiais da Igreja Católica, sua adoção acontece quando as decisões mais insignificantes do catolicismo têm lugar de destaque no jornal, ou quando as atitudes que dele se desviam são, de alguma maneira, apreendidas.

No caso da cobertura do discurso papal sobre o meio ambiente ("Papa mobiliza 500 mil por ecologia", 03/09/2007), podemos perceber o *uso estratégico do irrelevante*

⁵ Segundo dados do IBGE (ver nota 2), o grupo dos católicos corresponde a 73,79% do país.



(ibidem) na linguagem carinhosa que a reportagem usou para descrever Ratzinger. Referiu-se a ele como octogenário (remetendo-nos a uma imagem de “bom velhinho”), falou de suas roupas verdes, de sua popularidade e de seu discurso cativante: “Em atestado de popularidade invejável para qualquer estadista, o Papa Bento XVI conseguiu *reunir e mobilizar* meio milhão de jovens”.

É importante ter em mente que o atual Papa, antes de ser o “Santo Padre”, dirigia o quadro de religiosos encarregados da Congregação para a Doutrina de Fé, o novo nome do antigo Tribunal da Santa Inquisição. Sendo assim, tentar aproximar Bento XVI da imagem do idoso frágil e amável significa, no mínimo, afastá-lo de seu passado, de seus precedentes na hierarquia católica, e de suas principais qualificações, como teólogo conservador.

Ainda, é preciso ler com cuidado o “*reunir E mobilizar*” que descreve o resultado das ações do Papa naquele dia. Afinal, garantir que todas aquelas pessoas que foram ao evento saíram de lá para efetivamente fazer algo pelo meio ambiente pode ser comparado à crença de que uma assídua - e fora de forma - leitora de revistas de beleza irá, de fato, começar sua dieta na próxima segunda-feira. Trocando em miúdos, é extremamente difícil medir o impacto real dos discursos nas ações futuras de seu público, e não seria diferente aqui.

Além disso, o uso de “meio milhão”, ao invés dos 500 mil, no título, é muito mais impactante aos olhos de quem se depara com o texto - uma prova do poder que o estilo do texto tem diante do processo cognitivo de seus leitores (ibidem) -, assim como o verbo “cativar”, em vez de brindar, oferecer, levar. A reportagem segue: “Vestido em tom verde, o *octogenário* líder católico *cativou* a platéia com seu discurso ecológico”.

Um outro exemplo de adesão ao *script* católico aparece em uma notícia sobre o roubo de peças históricas (“Patrimônio desfalcado”, de 02/11/2007), na qual a legenda da foto deixa escapar: “O *anjinho* que adornava o púlpito da Igreja do Bom Jesus da Coluna: faltava dourar a veste”. Novamente o tratamento carinhoso, agora dispensado ao anjo, presenteado com um diminutivo, transparece a simpatia, afeto e alinhamento à religião citada anteriormente, e faz com que o leitor se sinta mais próximo dela, também.

O caso das freiras que foram retiradas por força policial de um convento na Polônia (“O fim da rebelião das freiras”, de 11/10/2007) repete a perspectiva da defesa do cânone católico, mas visto pelo lado contrário, denunciando os desviantes: as religiosas foram denominadas de “freiras rebeldes” e foi reiterado que elas haviam “desobedecido



ordens do Vaticano". Aliás, essas freiras já haviam recebido ordens de se retirarem do convento por prestarem apoio à madre superiora, anteriormente limada do círculo religioso pelo próprio Ratzinger, porque afirmava ter visões santas, "o que não era bem visto pelo clero polonês".

O caso do generalíssimo

Entretanto, quando é a Igreja Católica que trai seus próprios ensinamentos de base, a incoerência não fica assim tão explícita. É o caso "do generalíssimo", referente à beatificação em massa de padres e leigos que "lutaram na guerra civil espanhola". Uma dia antes da cerimônia, uma nota avisava sobre os "498 mártires" a serem beatificados no dia seguinte. Ao invés de citarem, pelo menos, que esses neo-beatificados eram aliados do regime fascista espanhol, o franquismo, e que empunharam armas – e usaram-nas – inúmeras vezes, a reportagem preferiu recorrer a denominações que os identificasse com heróis, como "mártires" e vítimas de "perseguições religiosas".

No dia seguinte ("Vaticano beatifica mártires espanhóis", de 29/10/2007), o jornal reproduz as aspas do Papa sobre as "vítimas de milícias esquerdistas", e lembra que ele "não fez alusão às circunstâncias históricas nas quais morreram os 498 novos beatos". Ora, não fez o Santo Padre, também não fez *O Globo*! Em momento algum o repórter deu-se ao trabalho de explicar que aqueles que "estavam na rota da santidade" (uma expressão que os aproxima mais do céu do que da terra) também vitimaram e foram perseguidores nessa mesma guerra.

Claramente, esse tipo de dispositivo discursivo caracteriza-se como *omissão estratégica* (van Dijk, 1990), que, assim como o *uso do irrelevante*, através de detalhes de escolhas léxicas e sintáticas se propõe a construir determinado juízo sobre o fato retratado. Nesse caso, a coerência local do texto foi edificada sobre uma base que identificava os padres-soldados com pobres coitados aossados pela esquerda. Sendo assim, quaisquer referências a seus atos de extermínio e crueldade durante o conflito quebrariam essa lógica interna do registro.

Dupli-pensar

A interpretação da cobertura do tema religião por *O Globo* ganha complexidade quando a Igreja Católica é enxergada por um viés mais político e social, como uma instituição às vezes forte o suficiente para competir com as instâncias políticas tradicionais e laicas. Frequentemente, ela ganha o papel de protagonista no jogo de



pesos por trás de decisões importantes.

É o caso da questão do aborto na Conferência Nacional de Saúde ("Aborto: Igreja derrota proposta do governo", de 19/11/2007). Quando a descriminalização do aborto foi, mais uma vez, barrada por pressões da Igreja Católica, *O Globo* diz que os "católicos pressionam delegados de conferência de saúde, e projeto de descriminalização da prática é rejeitado" e manifesta-se sobre a "...**derrota** do Ministério da Saúde": "Mais organizados, os católicos ocuparam os lugares estratégicos à frente das mesas de trabalho"; "...prevaleceu a pressão dos setores da Igreja Católica".

O ministro José Gomes Temporão disse, na ocasião, que a Igreja montou uma "verdadeira claqué", e o jornal acrescentou que, antes da votação, "a Igreja não permitiu a discussão do tema". Mas, afinal, teoricamente, que poderes teria ela, como instituição religiosa, num país cuja constituição proclama-se laica, para permitir ou não? Apesar de a pergunta ser sempre cabível – por se tratar da influência de uma determinada instituição sobre as disposições governamentais –, como ela se equaciona no século XXI? Desde a opulência de poder político da Igreja Católica nos idos medievais, sua influência nas decisões é motivo para que ela não seja ignorada também como peça no jogo político – mesmo tratando-se de uma época em que acreditamos viver sob o império da secularização, inclusive da política.

Como atriz da política, então, a Igreja Católica é tratada basicamente da mesma forma que os outros personagens de autoridade na área. Nesse caso, ainda, os holofotes são desviados da religião católica em si para a instituição da igreja, que, de fato, é quem se organiza para alçar a política com seus tentáculos de influência.

Na seqüência do caso da descriminalização do aborto, a reportagem sobre a antecipação do parecer contrário apresentou, também, um viés mais crítico. O texto diz que "(Jorge Tadeu) Mudalen [político evangélico do DEM (Democratas) e relator do caso] não aguarda o fim das discussões e recorre a valores morais e religiosos" e, ainda que, para tanto, ele se apega ao resultado da Conferência Nacional de Saúde, na qual os votos contra somaram 70%. Inesperada é a ressalva do jornal à declaração de Mudalen de que o assunto havia sido discutido à exaustão - segundo o mesmo *O Globo*, essas discussões não ocorreram, devido às pressões da Igreja Católica, como pudemos conferir nos parágrafos anteriores.

Ali Babá também sabe usar terno e gravata e falar inglês

Tomando como ponto de partida a noção de que a cultura brasileira está impregnada



da religiosidade católica (ainda que não fervorosa), é de se esperar estranhamento de tudo o que seja "o outro", quando se fala em religião. Dentro desse grupo dos outros, de tamanho considerável, coabitam crenças que vão dos rituais africanos ao zen-budismo, passando, claro, pelo islamismo.

A priori, a expectativa de ver, na mídia impressa, a continuação da cobertura televisiva sobre a religião – a qual, freqüentemente, reitera estereótipos com a overdose de imagens de árabes barbudos com ares de vilão e dos destroços provocados por carros-bomba – se frustra. N'O *Globo* escrito, aliás, é comum até uma certa quebra desses estereótipos. Vasculhar as origens da má impressão causada nos brasileiros pelas barbas caudalosas islâmicas explica em muito o mal-estar oriundo daquela cobertura: partilhamos o *script* (van Dijk, 1991) de que todos os que não trazem o rosto despido dos pêlos são, em algum aspecto, radicais. Nesse mesmo *script* (que pode ser traduzido como uma convenção ou imaginário social compartilhado) está a imagem dos partidários da guerrilha do Araguaia ou, para sermos mais atuais, as feições do atual presidente em suas primeiras candidaturas, quando sindicalista – que lhe valeram, inclusive, o apelido de "sapo barbudo" pelos políticos e pela mídia de direita.

Na reportagem "A era do Jihadismo Light" (02/09/2007), o correspondente em Londres descreve o porta-voz do partido Hizb ut-Tahrir como um homem com ares cosmopolitas – que, vestido de terno cinza, apresenta-se fazendo piadas sobre o péssimo tempo da capital inglesa (falar do tempo e tomar chá são, há muito, marcas indelévels dos costumes britânicos). Ademais, nada de radicalismos no discurso do entrevistado. Pelo contrário, o leitor é surpreendido por uma visão sóbria e ponderada sobre a questão muçulmana: "...a Europa tem um passado mais sangrento e permeado por guerras do que o mundo muçulmano (...) Mas é difícil lutar contra o preconceito e a islamofobia".

Tudo certo, não houvesse um porém: o partido Hizb ut-Tahrir é, na verdade, bastante fundamentalista. Talvez o repórter não tivesse conhecimentos prévios sobre ele e tenha "comprado" histórias contadas por outras pessoas. Ainda assim, persiste a tentativa de apresentar ao leitor uma outra visão sobre o mundo islâmico, mais arejada de preconceitos.

Civilizações sem choques

Outra característica que destaca o jornal em relação à cobertura do Islã é a voz que ele dá às opiniões que desvinculam a violência dos ataques feitos por islamitas da questão religiosa. De entrevistas e reportagens, sobressaem opiniões equilibradas que



ressalvam ser reflexo da política o problema com o terrorismo. O acadêmico francês Olivier Roy ("Corpo-a-Corpo", de 02/09/2007), por exemplo, afirma que o radicalismo islâmico na Europa tem muito menos raízes ideológicas do que se imagina (ele o atribui a uma crise de identidade dos jovens muçulmanos) e nega o clichê do choque de civilizações⁶.

O cientista político alemão Erich Schmidt Eeboom ("Corpo-a-Corpo", de 06/09/2007), por sua vez, alerta que o novo terrorista de origem cristã européia é "perigo ainda maior" e explica que os novos convertidos chamam menos a atenção e, assim, são dificilmente descobertos. O jornalista britânico Jason Burke, ao defender a teoria da descentralização do terrorismo islâmico ("Osama Bin Laden é hoje um rosto no cartaz da *jihad*", de 11/09/2007) diz que, depois do 11/9, a Al-Qaeda se tornou uma ideologia. O radicalismo islâmico atual seria, portanto, mais amador, caótico e descentralizado e, por isso, mais difícil de ser combatido. Além disso, o escritor argelino Mohammed Moulesseboul falou, na Bienal do Livro do Rio, de "terrorismo ocidental" (11/09/2007), e o historiador Eric Hobsbawn comentou que "terrorismo é problema de segurança pública" ("Exploração política de atentados é uma ameaça maior à democracia do que extremismo", de 24/11/2007).

Nesta caravana de reportagens, ainda, há um texto do *New York Times* que aborda o islamismo direcionado a jovens ocidentais ("*Jihad* para inglês (e americano) ver" - 16/10/2007). Ele trata da "mídia jihadista" através do exemplo de um jovem da Carolina do Norte, que nasceu na Arábia Saudita e cresceu no Queens e que faz parte dos "operadores de mídia independente", que produzem vídeos que exaltam a Al-Qaeda e são direcionados, principalmente, ao público ocidental.

Sessão do descarrego

Sendo parte integrante, ainda que a contragosto, da trupe dos "outros" (as religiões vistas com estranheza por uma sociedade majoritariamente católica), o protestantismo – mais especificamente as religiões pentecostais⁷ – não teve a mesma sorte que seu *compagnon de route* islamismo. Apesar de serem apenas 12,5%⁸ do total da população, os pentecostais são presença marcante no noticiário que, como veremos adiante, trata de

⁶ HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações*. Objetiva, 1997.

⁷ As religiões protestantes são, no Brasil, divididas em dois grandes grupos, intitulados Evangélicos de Missão - no qual encontram-se presbiterianos, luteranos e batistas, por exemplo - e Evangélicos Pentecostais - que incluem a Igreja Universal do Reino de Deus e a Assembléia do Reino de Deus. Denominações do IBGE.

⁸ Dados extraídos da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE. (ver nota 2)



atividades "para-legais", para usar um termo do próprio jornal.

Para começo de prosa, muitas das vezes os neopentecostais não são nem mesmo vistos como membros de uma religião. Isso fica patente no vocabulário destinado aos evangélicos, que inclui, freqüentemente, termos entre aspas (usados especialmente para o "*bispo*" da Universal e os da Renascer - sinal inequívoco da ambigüidade do conteúdo desses nomes) e o uso de palavras como "seita", "templo" e "líderes da igreja" - em vez de pastores ou lideranças - que depreciam seu status de religião regularmente instituída. Essas são escolhas de estilo (van Dijk, 1990) dos jornalistas que, para além da personalização do texto, deixam escapar a atuação inconsciente (ou adesão cognitiva) dos *scripts* - valendo, nesse caso, aquele que liga qualquer ação das Igrejas Pentecostais à venalidade.

Dois elementos que circunscrevem a religião dentro do país são os principais eixos retratados nas coberturas: o perfil psicológico de seus seguidores e a estratégia que suas autoridades adotam para se financiarem. Essa escolha editorial, um dos pilares da construção da *coerência global* do texto (ibidem), é praticada como se outros aspectos da crença – tais como a capacidade de aglutinar, de dar uma sensação de pertinência a seus seguidores e seu rápido crescimento demográfico – fossem peças coadjuvantes. Sendo assim, exploremos cada um dos integrantes dessa dupla.

Os evangélicos, ao contrário dos católicos e dos islâmicos, enquadram-se freqüentemente na cobertura dos *fait divers*. Têm cadeira cativa nas páginas d'O Globo aqueles que têm um passado condenatório ("Traficante de armas vira pastor e se entrega", a respeito de João Grandão, de 01/11/2007), os fiéis cometedores de delitos ("Pastor é preso por fazer gato de luz em igreja", de 22/08/2007; "Pastor assassina menino", de 20/10/2007) e os destruidores de imagens ("Pastor queima imagens sacras tombadas", de 20/10/2007).

No episódio do "casal Renascer"⁹, em que os fundadores da igreja foram presos por circularem nos Estados Unidos com dólares não-declarados, eles são retratados em foto, no momento de sua condenação, com largos sorrisos estampados no rosto – facilmente lidos como prova adicional do cinismo dos "vendilhões".

O funcionamento econômico e financeiro das religiões protestantes no Brasil, por sua vez, é freqüentemente visto com desconfiança. São inexistentes, por exemplo, notícias sobre a Assembléia de Deus (que circunscreve 4,8% do total da população¹⁰), que, além de não ser fonte de escândalos como as outras pentecostais, é mais antiga e

⁹ Sônia e Estevam Hernandes, fundadores da referida Igreja.

¹⁰ Dados extraídos da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE. (ver nota 2)



mais numerosa que elas¹¹. O que vale, nesse caso, é o *script* da venalidade atávica, que alimenta a suspeita dos repórteres em relação a quaisquer ações das diferentes igrejas.

Na contramão, o leitor irá sentir uma certa carência em relação a pautas que tratem do patrimônio da Igreja Católica, que, levando-se em conta os séculos de acúmulo de riqueza por parte da instituição (claramente traduzido em gigantescas catedrais erigidas pelo Brasil afora) não deve ser simplesmente ignorado. Somando-se isso ao fato de algumas pentecostais estarem dando seus primeiros passos como religiões – e, assim, estarem no que se pode chamar de uma fase primitiva de acúmulo de bens, pela qual a Igreja Católica já passou –, temos uma equação em que os evangélicos acabam, realmente, parecendo meros entusiastas do dinheiro – quando estão fazendo o que seus predecessores fizeram, com sucesso e menos críticas.

Ainda que todos esses fatores sejam levados em conta, seria pecado esquecer que protestantes e católicos têm, em sua gênese, comportamentos completamente diferentes no que diz respeito às questões da riqueza, das finanças, do trabalho e do sucesso. Os aportes da "Sociologia da Religião" weberiana deixam clara esta distinção: o que, para os adeptos da igreja de Pedro, seria repreensível por se encaixar na iniquidade da cobiça, tal como o acúmulo de bens, torna-se, na doutrina dos reformistas, um bom e inequívoco sinal de prosperidade – que poderia até, em última instância, significar que o indivíduo caiu nas graças da predestinação (Weber, 1963). Ainda, não custa lembrar que a ética protestante impele seus crentes ao trabalho árduo e a uma vida de renúncia a muitos dos prazeres mundanos. No somatório dos anos, essa combinação tende a se converter em formação de patrimônios, de nenhuma maneira censuráveis aos olhos da referida fé¹².

Essa pedra fundamental da Reforma nunca é levada em consideração quando as pentecostais são abordadas pelos jornalistas. As Igrejas Pentecostais são sempre filtradas no metro católico, ou melhor, são unificadas na construção do *script* que delimita a visão que o "eu" tem desse "outro".

Segundo a pesquisa "Economia das Religiões", desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas em 2007, a ascensão das religiões protestantes no Brasil encontrou terra fértil durante as décadas perdidas (anos de 80 e 90). Sendo assim, elas se aproveitaram do vácuo deixado pela estagnação econômica herdada dessa época para implantarem novas formas de inserção produtivas. Seguindo essa trilha, e tendo em vista o contexto sócio-

¹¹ A Igreja Universal do Reino de Deus, tão popularmente debatida atualmente, é responsável por 1,5% dos fiéis brasileiros. Dados da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE. (idem)

¹² WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Companhia das Letras, 2004.

econômico de disseminação do pentecostalismo, a pesquisa conclui, portanto, que seus seguidores são os "perdedores da crise econômica", emergentes dentro do contexto de desemprego, violência e favelização decorrentes do processo de metropolização¹³.

A fixação das reportagens nas atividades financeiras destas igrejas desconsidera este fato, desconsiderando também que os pentecostais respondem por 44% do total de doações feitas para instituições religiosas dentro do país. Ainda, eles são 26,6% dos que praticam o dízimo, ainda que sejam 12,5% da população¹⁴.

Destarte, construindo sua *coerência local* (van Dijk, 1990) com base em determinadas escolhas – centradas nas referidas peculiaridades dessas religiões protestantes e distantes de suas noções intrínsecas de ética –, os textos d'*O Globo* repetem o script de venalidade e de marginalidade ao qual nos referimos anteriormente¹⁵.

Os exemplos são múltiplos: na reportagem que investiga as intenções da Igreja Universal de comprar uma emissora de rádio ("Seita' pede doações para comprar rádios, de 11/09/2007), o jornal avisa que o "*Esquema*" pode contrariar normas de concessão de emissoras, segundo Ministério". Numa retranscrição da reportagem ("Doações também em sacolas ou pela internet", de 11/09/2007), o texto ressalta a afirmação do pastor de que só serão beneficiados os fiéis que fizerem as devidas contribuições.

Novamente, a escolha dos vocábulos reafirma o *script* dos evangélicos como gananciosos e de sua igreja como um empreendimento. Aliás, nem mesmo poderíamos falar em igreja, porque a reportagem a trata por "seita". Ademais, a palavra "esquema", usada no trecho, sugere alguma espécie de trambique, e a reportagem sobre as várias formas de doação deixam claro que os tais líderes da seita usam todos os meios possíveis, dos mais cândidos aos informatizados, para praticar o tal "estelionato".

Bem que eu avisei

Como num esforço para reafirmar as suspeitas de enriquecimento audacioso e ilícito

¹³ O texto da CPS/FGV dá maior sustentação à teoria quando constata que as "pobrezas tradicionais", encontradas no Nordeste do país, continuam, em sua maioria, católicas. Dessa forma, a ascensão constante das igrejas pentecostais dever-se-ia, de fato, ao fenômeno das crises metropolitanas.

¹⁴ Dados extraídos da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE (ver nota 2).

¹⁵ O alvoroço e o estranhamento que cercam os mecanismos de atuação dessas novas fés protestantes não são infundados. De fato, a própria pesquisa da FGV, norteadas pelas obras de Weber que abordam a religião, detecta que não há uma sobreposição direta entre a ética desses novos evangélicos e aquela há um século estudada pelo alemão. Sobre essa nova "ética pentecostal": "...enquanto para Weber o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital, as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja". A pesquisa admite, ainda, a existência de uma relação entre espírito empresarial e organização religiosa, sob a óptica do surgimento de novas formas de inserção produtiva no período pós-crise econômica.



que emanam dessas – e de outras – reportagens sobre os evangélicos, aparecem pautas do tipo "Fiel reclama na Justiça de milagre frustrado" (11/09/2007) ou "PF investiga compra de TV pela Universal" (19/10/2007), nas quais o mote permanente é o de que os evangélicos são sempre "caso de polícia".

Nesta perspectiva, mais duas reportagens merecem ser exploradas. A primeira, "Fiel da Universal danifica imagem histórica da Bahia" (04/12/2007), ressalta que o "fiel" está desempregado, toma tranqüilizantes e "freqüenta diariamente a Igreja Universal do Reino de Deus". Colocar numa mesma sentença, como vimos, a situação instável em que se encontra a vida do personagem e o fato de ele ser um "fiel" da tal igreja contribui para que, através da *estratégia da irrelevância* (van Dijk, 1990), fiquemos propensos a formar mau juízo da totalidade dos crentes.

Idem quanto à reportagem "Universal terá que devolver bem de fiel", que adverte, na linha fina, que a "Justiça condenou a seita por receber carro sem a autorização da dona" e diz, no corpo do texto, que a "fiel" estava "...deprimida e doou todos os bens à igreja por pressão de representantes do templo que freqüentava".

Em suma, o leitor que acompanha esse tipo de noticiário – e adere ao *script* nele embutido – só pode chegar à conclusão que ou os partidários dessas novas confissões protestantes são todos uns desequilibrados – e por isso atraídos pela "seita" – ou, pior ainda, que a crença por elas propalada os desequilibra ainda mais.

VEJA

A Veja age de má fé?

*Um resumo das conclusões da análise da revista Veja*¹⁶

Rafael Kato

Veja, a maior revista semanal do país, publicada pela editora Abril, possui uma indiscutível habilidade em lapidar os seus textos. Cada palavra-chave é dotada de uma intencionalidade que reafirma o projeto editorial da publicação. A notícia sobre a beatificação de católicos que lutaram ao lado de Franco, por exemplo, tem um título que já diz tudo, numa reverência: "Ferramenta da fé". Mas para falar sobre os neopentecostais ou a Igreja Renascer o tom é diferente, pois a chamada, pejorativa, é: "O templo caiu para os Hernandes". A intencionalidade não está apenas em títulos, mas no jogo de palavras, na pauta, na concatenação dos elementos do texto, nas relações entre o texto verbal e não-verbal de cada página.

¹⁶ A íntegra pode ser encontrada na Revista Anagrama n.º. 4 (www.usp.br/anagrama)

Na reportagem “O templo caiu para os Hernandes”, do dia 22 de agosto de 2007, pode-se esmiuçar uma série de cuidados com o texto, insistindo no deboche, que evidenciam o claro alinhamento da publicação. O ritmo da reportagem é o de uma cobertura policial, embora o chapéu seja “Brasil”. O sentido – *coerência global* (van Dijk, 1990) - se completa com a linha fina: “Com a condenação dos líderes da Renascer nos Estados Unidos, o império da igreja pode ruir”.

A palavra “império” é utilizada em sua acepção empresarial, no mesmo sentido da expressão “império Disney”, ou “império Trump”, ou ainda “império Abril”. Para reforçar este tratamento indefectivelmente extra-religioso de uma congregação religiosa, os dados contidos na reportagem são submetidos a um escrutínio típico de uma seção de economia. Há o uso intenso de porcentagens e jargão financeiro: “O número de fiéis caiu pela metade. A arrecadação diminuiu 60%. Mais de 140 funcionários foram demitidos” ou “centenas de templos considerados ‘deficitários’ tiveram as portas cerradas por ordem do próprio Hernandes”. O pressuposto, pois, é que, em se tratando de Renascer – e de evangélicos e protestantes, indiscriminadamente – o assunto é sempre estelionato, a anos-luz de Deus.

FOLHA DE S. PAULO

Pluralismo singular

*Um resumo das conclusões da análise do jornal Folha de S.Paulo*¹⁷

Dayanne Sousa

A *Folha de S.Paulo* reporta temas de cunho religioso a partir de um olhar preocupado com o politicamente correto e, em decorrência, bastante simplista. Uma vez que defende o pluralismo como um ideal nas notícias que publica, a *Folha* mostra-se uma liberal de plantão. Publica colunas, ensaios e artigos comparando e aproximando diferentes crenças, mas, ao mesmo tempo, também defende que essa liberdade de culto e expressão se restrinja às esferas da religião, desconsiderando o fato de que religião e política têm se tornado cada vez mais promíscuas.

Tem-se, assim, um tratamento cosmético dos choques gerados pelas crenças e, em conseqüência, a proposição de soluções ingênuas. Nota-se a tendência editorial a rejeitar em bloco a influência religiosa nas determinações legais e a defender, justa, porém ingenuamente, a laicidade do Estado.

Em um dos editoriais do dia 21 de setembro de 2007, a *Folha* se põe contra a

¹⁷ Vide nota 16

aprovação do projeto “Deus na Escola” (que defendia o ensino religioso nas escolas públicas) na Assembléia Legislativa de São Paulo. “A Carta, afinal, estabelece a laicidade do Estado e o proíbe de subvencionar igrejas e cultos religiosos e até de manter com eles relação de aliança”, diz o texto. Assim, a *Folha* defende a liberdade de culto e diz que, justamente por isso, é contra o projeto.

No tocante ao mundo cristão, a *Folha* faz, como os outros veículos aqui analisados, parte de uma defesa, mesmo que sutil, da manutenção do cânone que embasa o universo católico.

O ESTADO DE S. PAULO

A igreja ainda influencia *O Estado*?

*Um resumo das conclusões da análise do jornal O Estado de S.Paulo*¹⁸

Gustavo Paiva e Luigi Parrini

Quando a análise discursiva d’*O Estado de S.Paulo*, no tocante à religião, é feita não a partir da coerência interna do texto, mas por meio da escolha e desenvolvimento de tópicos relacionados a cada credo, é notável o tratamento discrepante entre as duas vertentes majoritárias do cristianismo no Brasil.

Distintas abordagens de tópicos implicam diferenciações na distribuição espacial das religiões entre as editorias, de maneira a atribuir-lhes importâncias díspares. Enquanto o caderno *Vida&*¹⁹ cobre o catolicismo como se fosse um “diário oficial”, as outras religiões cristãs só aparecem em casos desviantes, como, por exemplo, escândalos financeiros e contravenções penais. É o caso da prisão dos líderes da Igreja Renascer em Cristo.

Tais casos escandalosos são noticiados no caderno *Vida&* como parte integrante destas confissões. Um exemplo dessa ilação é a matéria “Deputado Bispo Gê e Edir Macedo são alvo de investigações” (19/10/07, pág. A25). Neste caso, o deputado e o empresário são de confissões diferentes (respectivamente Renascer e Universal) e aparecem juntos unicamente por serem neopentecostais investigados por corrupção.

Distribuição espacial das religiões n’O Estado de S. Paulo

| <i>Editorias</i> | <i>Abordagem</i> |
|-------------------|--|
| Vida& | Cobertura política e ecumênica da Igreja Católica; desvios neopentecostais; <i>fait divers</i> esporádicos de outras religiões |
| Metrópole/Cidades | Casos não-canônicos do catolicismo e delitos “mais graves” em outras religiões |
| Nacional | Atividades políticas de membros da Igreja Católica; raras notícias de outras religiões |
| Internacional | Aspectos políticos relacionados ao islamismo, em grande quantidade, e em outras religiões, esporadicamente |

¹⁸ Vide nota 16

¹⁹ Editoria que aborda assuntos como saúde, educação, meio ambiente, ciência e tecnologia e religião



O mesmo tratamento editorial, contudo, não é dado aos casos desviantes da Igreja Católica no Brasil. O escândalo do padre Júlio Lancellotti, que denunciou dois casos de extorsão feitos a ele, figurou nas páginas da editoria Metrópole. Este caderno é dedicado a fatos do cotidiano da cidade de São Paulo e casos policiais, como caberia ao dos bispos da Igreja Renascer, que, no entanto, figurou nas páginas de Vida&, denotando o *script* implícito no jornal de que “desvios” são característicos das igrejas neopentecostais.

Referências Bibliográficas

VAN DIJK, Teun A. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. *The Interdisciplinary Study of News as Discourse*. In: K. Bruhn-Jensen & N. Jankowski (Eds.), *Handbook of Qualitative Methods in Mass Communication Research*. (pp. 108-120). London: Routledge, 1991.

ECO, Umberto. *Conceito de Texto*. São Paulo: Edusp e T. A. Queiroz Editor, 1984. p. 97.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da Redação da Folha de S.Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2001.

FREUD, Sigmund. *El Porvenir de Una Ilusion*. In Freud, Sigmund. *Obras Completas*. Madri: Amorrortu Editores, 1978.

KENNEDY, George A. *New Testament Interpretation through Rhetorical Criticism*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1984.

MAURO, Maria Adélia Ferreira. Argumentação e discurso. In: Retóricas de ontem e hoje. (org. Lineide do Lago Salvador Mosca). São Paulo: Humanitas, 2001. pp. 183-200.

PARSONS, Talcott. *Introduction to The Sociology of Religion*. In: Weber, Max. *The Sociology of Religion*. Boston: Beacon Press, 1963.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986

THOMÉ, Laura Maria S. *Da ortodoxia à heresia: os valdenses (1170-1215)*. <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/2371>. Acessado em 20/04/2008.

WEBER, Max. *The Sociology of Religion*. Tradução de Ephraim Fischhoff. Boston: Beacon Press, 1963.